

Mazzucchi Ferreira, Maria Letícia; Heiden, Roberto
Políticas patrimoniais e reinvenção do passado: os pomeranos de São Lourenço do Sul, Brasil
Cuadernos de Antropología Social, núm. 30, 2009, pp. 137-154
Universidad de Buenos Aires
Buenos Aires, Argentina

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180913916008>



Políticas patrimoniais e reinvenção do passado: os pomeranos de São Lourenço do Sul, Brasil

Maria Letícia Mazzucchi Ferreira* y Roberto Heiden**

RESUMO

Nesse artigo discutimos a relação entre políticas públicas, tradição e patrimônio na cidade de São Lourenço, sul do Brasil. A etnia pomerana, que por longo tempo foi ignorada nessa região, encontra-se atualmente supervalorizada através de uma política de “invenção do passado”. O discurso político fala de um “resgate de identidade desse povo, valorizando o turismo como fonte de economia... a busca pelo passado com os olhos no futuro” (O Lourençiano, p.2, 18/01/2008). Nossa pesquisa consiste em verificar o impacto dessas intervenções nessa comunidade e como a mesma passa a aceitar esse passado como tradição e os elementos cotidianos como patrimônio.

Palavras-chave: Políticas patrimoniais, Memória coletiva, Tradição, Pomeranos, São Lourenço do Sul

HERITAGE POLITICS AND PAST REINVENTION: THE POMERANS OF SÃO LOURENÇO DO SUL, BRAZIL

ABSTRACT

In this paper, we discuss the relation between public policies, tradition and heritage in the town of São Lourenço do Sul, southern Brazil. The pomeranian ethnic group that for long time was ignored, nowadays is overvalued through a local policy of “past invention”. The political speech approaches a “rescue of the identity of this people, valuing the tourism as a source of economy.... the search for the past with the eyes on the future” (O Lourençiano, p.2, 18/01/2008). Our research consists in verifying the impact of these interventions in this society, and how it accepts this heritated past as true, an invented past, shaped in the present.

Key words: Publics politics, Colective memory, Tradition, Pomerains, São Lourenço do Sul

* Professora Adjunta do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, Brasil.

Dirección electrónica: leticiamazzucchi@gmail.com

**Professor do Curso de Conservação e Restauro da Universidade Federal de Pelotas, Brasil. Dirección

electrónica: roberto.heiden@yahoo.com.br. Fecha de recepción: 24 febrero de 2009. Fecha de aprobación: 4 de abril de 2009.

INTRODUÇÃO

Nesse artigo se discute a relação entre políticas públicas, tradição e patrimônio a partir do estudo sobre as ações de caráter patrimonial que estão sendo implementadas, desde o ano 2005, na cidade de São Lourenço, sul do Brasil. Nesse local, a origem pomerana que durante muito tempo se apresentou como uma atribuição identitária problemática, se encontra hoje supervalorizada através de uma política local de “invenção do passado” e atribuição de sentidos patrimoniais ao cotidiano.

No quadro das políticas públicas de patrimônio e memória em desenvolvimento na cidade encontramos as comemorações ritualizadas, como o desembarque dos primeiros pomeranos na região; a pesquisa e registro de tradições locais; o “Caminho Pomerano”, um circuito turístico pelo interior rural; a adoção de danças, cantos, criações de animais, etc. A valorização da dimensão imaterial do patrimônio, representada aqui pelo que é considerado pelos gestores como uma cultura tradicional pomerana, vem se apresentando como uma forma de positivação da identidade e, ao mesmo tempo, importante fonte para a economia local.

O caso de São Lourenço do Sul se apresenta, pelo grau e pelo envolvimento da administração pública local, como exemplar de uma tendência observável contemporaneamente que é a de valorização da dimensão local em um mundo globalizado. Ao mesmo tempo, se insere no contexto nacional de “proliferação” (Tornatore, 2008) da busca patrimonial que caracteriza o cenário brasileiro desde os anos 1980.

A incorporação da dimensão imaterial ao conceito de patrimônio se deu num período de intensificação de movimentos sociais, no quadro geral de uma país em redemocratização e no qual novos sujeitos sociais passavam, então, a reivindicar seu lugar histórico, seu direito ao passado (Meira, 2005: 22-23). Abordado no interior dessas manifestações sociais, o patrimônio passa então a se identificar, para além do material, com aquelas expressões que caracterizavam uma Nação plural, multiétnica, composta por diferentes matizes culturais. As celebrações religiosas, as formas de expressão, os lugares e os saberes que atravessavam gerações, passaram a ter um papel fundamental naquilo que se denominou Patrimônio Cultural Nacional, cuja tarefa de proteção passou a ser uma atribuição do Estado, definida no próprio texto constitucional de 1988.

Sobre essas manifestações culturais irão incidir, então, os processos de identificação, classificação e as políticas de salvaguarda (Freire, 2005; Cerqueira, 2006).

Através do Decreto 3551 de quatro de agosto de 2000 ficou criado o dispositivo legal necessário para identificação e registro dos Bens Culturais de natureza imaterial que fazem parte do Patrimônio Cultural brasileiro. O Inventário Nacional de Referências Culturais foi então a metodologia instituída pelo IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) para identificar, documentar e registrar os bens culturais imateriais que ficarão, então, registrados em um dos quatro Livros: Livro das Celebrações, Livro das Formas de Expressão, Livro dos Lugares, Livro dos Saberes (Freire, 2005).

Observando-se o número e a origem dos Inventários já realizados ou em processo de realização, é inevitável uma reflexão acerca da busca patrimonial e os sentidos que assume nesse país. Os Bens Culturais já registrados são em número de 15, aqueles em andamento são também em número de 15, enquanto que os Inventários em realização estão já na casa dos 30. É fundamental pensar que sentidos assumem o patrimônio e a memória nesse Brasil contemporâneo. Despojado da obrigação de justificar e embasar o Estado Nação, o patrimônio vai incorporando papéis cada vez mais diferentes, afirmado e conferindo bases identitárias de grupos dentro da sociedade nacional. Tal como afirma Tornatore (2008), desde as últimas décadas do século XX, aquilo que chamamos “proliferação patrimonial e memorial” é vista como um índice de multiplicação das referências e enfraquecimento da referência nacional.

A memória e o patrimônio se colocam, então, na base de uma tomada de consciência de um passado a salvaguardar e, ao mesmo tempo e tão importante quanto, de um direito ao futuro. Nesse contexto, de acordo com Arjun Appadurai:

o passado não é mais uma terra a qual se regressa por uma simples política da memória. Ele se transformou num entreposto sincrônico de cenários culturais, uma espécie de casting temporal central ao qual podemos aceder em função do filme a realizar, da cena a mostrar, dos reféns a salvar (Appadurai, 2005:67).

Questões como lutas pelo reconhecimento, mercado patrimonial, construção de passados imaginados, associadas às ações públicas de investimento patrimonial, estão na base da pesquisa sobre o caso da cidade de São Lourenço do Sul, no sul do Brasil.

A NAÚ DA MEMÓRIA: POLÍTICA PATRIMONIAL EN SÃO LOURENÇO DO SUL

A cidade de São Lourenço do Sul localiza-se na região sul do estado do Rio Grande do Sul, às margens do Rio São Lourenço, um dos braços da Lagoa dos Patos. Essa região recebeu, na segunda metade do século XIX, imigrantes originários da Alemanha e da região da Pomerânia (região situada ao norte da Alemanha e Polônia, às margens do Mar Báltico). Nessa região, a transição do sistema feudal ao capitalismo gerou um expressivo número de camponeses que, ao perderem suas terras, foram absorvidos pela industrialização emergente ou engrossaram as levas de migrantes em direção à América (Salamoni, 2001: 26).

No caso específico de São Lourenço, a ação de um empresário alemão, Jacob Rheingantz, bem como seu sócio na empresa colonizadora, José Antonio de Oliveira Guimarães, foi fundamental para o agenciamento da vinda desses então denominados “colonos” e sua fixação nas terras da Serra dos Tapes, onde se desenvolveu um crescente núcleo populacional distribuído em lotes de terra de igual tamanho (Coaracy, 1957: 23).

Essa região se configurou pela presença do imigrante de origem germânica, sendo que, em relação ao elemento pomerano, esse reconhecimento como alemão se deu mais no sentido da comunidade externa que não via (e em geral não vê) as diferenças culturais entre os dois grupos.

Internamente porém, as diferenças entre alemães e pomeranos foram sendo demarcadas sobretudo pela expressão oral, sendo um elemento de distinção positiva o domínio da língua alemã, enquanto que falar o pomerano se aproximava da caricatura forjada entre os nativos, do “alemão batata”, ou seja, o camponês de traços e hábitos rudimentares.

Em termos de economia local esses grupos compõem com outros de origem europeia, aquilo que se denominou de região colonial, lugar de implantação de cultivos de frutas como pêssego, morango, pêra, bem como leguminosas e alguns cereais, produzidos em escala familiar. As frutas, entretanto, foram a base de uma indústria colonial doceira. Assim as frutas cristalizadas, as passas, as compotas, os doces em pasta, foram compondo a dieta alimentar do colono e se constituindo em uma importante fonte econômica, constituindo o que se denomina a tradição doceira dessa região (Ferreira, 2008).

O termo “colono” assume nesse contexto tanto uma designação histórica ligada ao movimento de ocupação, quanto também uma categoria classificató-

ria, pois ao colono são atribuídas as características do camponês rude que não domina os códigos de modernidade de uma cidade contemporânea.

Ao mesmo tempo, as constantes oscilações econômicas, o declínio da indústria colonial e a introdução de monoculturas (sobretudo o fumo), foram elementos degradadores das condições de vida na zona rural e a partir dos anos 1970 acentuou-se o abandono das propriedades rurais e a migração para centros urbanos, em busca de postos de trabalho.

No começo dos anos 2000 observou-se um crescimento da economia local com a retomada do cultivo de algumas frutas e seu processamento na indústria doceira que se reorganiza desde então. Ao mesmo tempo, a tendência a um turismo rural levou a um investimento nas atividades e produtos da vida colonial, significada a partir de então por categorias como “autêntica”, “pura”, “saudável”.

É nesse contexto que se pode analisar e compreender as ações patrimoniais que estão sendo implementadas pelo governo municipal, sobretudo através da Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comércio da cidade de São Lourenço do Sul.

O discurso oficial, veiculado nos meios de comunicação e nos materiais de divulgação da Secretaria, falam da “recuperação da tradição e afirmação da identidade pomerana” e são essas várias ações patrimoniais que estão no centro dessa pesquisa, na qual se busca compreender os efeitos dessa política no interior da comunidade, a maneira como o passado patrimonializado é abordado como tradição e os impactos disso na vida cotidiana, quando alguns elementos passaram a ter o selo de tradição.

A municipalidade criou diversos canteiros patrimoniais: o “Caminho Pomerano”, as festividades comemorativas aos 150 anos da chegada dos primeiros imigrantes na cidade (e sua continuidade, com a festa dos 151 anos), o Museu do Colono, etc.

Abordaremos aqui duas ações, cujos dados derivam de pesquisa de caráter etnográfico que vem se utilizando da observação, de entrevistas com os sujeitos envolvidos nessas atividades e de análise de documentos publicados na mídia impressa local: o Caminho Pomerano e a Festa dos 150 e 151 anos da colonização.

O CAMINHO POMERANO

Dentre as várias frentes abertas pela municipalidade, em conjunto com associações locais e visando a valorização do patrimônio local, uma das mais importante é o circuito turístico realizado na zona rural do município, denominado de Caminho Pomerano. Desenvolvido por agentes turísticos locais e sob agendamento prévio, o Caminho Pomerano aparece nos materiais institucionais de divulgação com a seguinte descrição:

Em torno de 80% dos imigrantes que chegaram a São Lourenço do Sul a partir de Janeiro de 1858, eram de descendência pomerana. A Pomerânia, nação eslava que se localizava entre a Alemanha e a Polônia foi dizimada no final do século XVIII. Esses imigrantes colonizaram e constituíram São Lourenço do Sul. A humildade e a sensibilidade são as características de um povo que preserva há séculos a organização dos grupos de cantos corais mistos e orfeônicos.

Essa história e essa experiência são transmitidas aos turistas através do Caminho Pomerano, que se constituiu a partir da criação da Associação Caminho dos Pomeranos que reúne criadores de gansos, galinhas coloniais, horta orgânica e agroecológica, café colonial, almoço típico, artesanato com flores secas e tematizados, pães, cucas, schimiers, produção de queijos, linguiças, peito de ganso defumado e sucos naturais e ecológicos produzidos com frutas nativas. Essa oferta diversificada é apresentada com a envolvente transmissão do conhecimento histórico da colonização pomerana associadas às extraordinárias belezas naturais da zona rural de São Lourenço do Sul - Terra de Todas as Paisagens. No roteiro destacam-se ainda as histórias do casamento com a noiva de preto e do “Convidador”, personagem encenado pelo irmão mais novo da noiva que na véspera do casamento saia a cavalo a convidar as famílias vizinhas para a festa de casamento (Sitio web www.portalcostadoc.com.br).

Esse circuito tem como objetivo oferecer aos turistas a “oportunidade de refazer o caminho dos colonos europeus no momento em que se estabeleceram na região”, enquanto “se entra em contato com a herança cultural desse povo”, tal como afirma a guia turística encarregada de preparar o grupo para iniciar seu *tour* cultural e imaginário. O caminho está pro-



Figura 1: Antigo moinho em material de divulgação do Caminho

gramado para durar em torno de sete horas e durante esse período são relatados e representados antigos hábitos, visitados locais, procedido a degustações de produtos apresentados como típicos da culinária pomerana e que são comercializados, bem como o artesanato feito na região. O caminho, trilhado em sua maior parte através de um ônibus, tem início na área urbana da cidade de São Lourenço, em região próxima ao rio e que é apresentada como o ponto de desembarque dos primeiros colonos no século XIX. A primeira parada é em uma propriedade rural na qual os turistas são recebidos por um antigo habitante da região. Esse homem é um narrador das origens e histórias da cultura pomerana e com sua fala difícil, em razão da mistura do português com pomerano, traz fatos e personagens típicos dessa “tradição e história pomerana”. Enfatiza a existência do “convidador” que era o sujeito responsável por realizar os convites de casamento que eram realizados na colônia, e que, tal como relatado pelo narrador, ia recebendo fitas coloridas em suas vestimentas, indicando assim as famílias que aceitavam o convite. Para maior expressividade do que é contado, o próprio narrador encontra-se vestido com as fitas coloridas. Mostra também um vestido preto que é apresentado como a vestimenta da noiva, e na narrativa isso é apresentado como um sinal de resistência das mulheres que, em épocas remotas, eram concedidas aos seus senhores na noite anterior às bodas. O vestido preto é então ofertado às turistas para que o vistam e sejam assim fotografadas.

Essa etapa do caminho é finalizada em uma pequena loja na qual se pode comprar produtos artesanais diversos tal como a aguardente produzida pela infusão de ervas e apresentada como típica dos pomeranos. O passeio segue para a Igreja na qual são recebidos por moradores da região que falam sobre as comemorações que ali são realizadas. Após o grupo é levado ao salão de festas no qual estão à disposição produtos coloniais (pães, bolos, doces), de fabricação local, para serem comercializados. Nesse espaço alguns objetos antigos tais como máquinas de costura, panelas de ferro, utensílios domésticos, etc. foram dispostos como num museu.

A visita continua em uma propriedade rural de agricultura orgânica e os visitantes são convidados a assistir a colheita de produtos como tomates, hortaliças, etc. Também aqui é possível adquirir alguns produtos. A próxima propriedade a ser visitada é caracterizada pela criação de alguns animais como gansos (cuja criação foi então retomada como um dos elementos tradicionais), patos, cabras, porcos. Numa pequena loja o turista pode adquirir produtos feitos no local tais como embutidos, queijos, etc.

Durante o trajeto para o outro local do Caminho, o guia ressalta algumas construções dando ênfase àquelas apontadas por ele como “tipicamente pomeranas”. O próximo ponto é o chamado Moinho Loescher, antiga fábrica de farinha situado em meio a algumas construções com traços arquitetônicos inspirados no estilo enxaimel. A visita ao local inclui também uma caminhada por trilhas ecológicas.

O caminho segue para a casa que teria pertencido a Jacob Rheingantz e que se encontra em processo de musealização e ao lado da qual há uma igreja e o túmulo desse homem. A saga dos primeiros colonizadores é contada então em pormenores e esse passado é trazido constantemente como herança.

O percurso é finalizado em uma pequena propriedade na qual os turistas são recebidos com o chamado “café colonial” onde são servidos produtos da culinária local. Antes de sentarem à mesa, os visitantes são convidados a participar de uma “mandala reflexiva”: à volta de um canteiro cujas diferentes plantas formam uma mandala, com os olhos fechados e de mãos dadas, acompanham as palavras da proprietária do lugar, que entoa algumas frases de mensagens positivas.

Após o café o ônibus deixa a zona rural em direção à cidade e ao término do Caminho Pomerano.

A SAGA POMERANA

A narrativa oficial veicula a histórias da colonização como uma verdadeira saga, enfatizando os gestos corajosos dos imigrantes que “abriram o mato a facão”, além de outras tantas provações e sofrimentos. Essa saga foi revivida de maneira teatralizada em janeiro de 2008 quando foram comemorados os 150 anos da imigração, e em janeiro de 2009, pela comemoração dos 151 anos. O jornal local anunciou durante o mês de janeiro de 2008 as comemorações do Sesquicentenário da colonização alemã-pomerana em São Lourenço. O ponto alto da comemoração, que abriria os festejos a ocorrerem durante todo o ano, foi a encenação da chegada dos imigrantes, no dia 18 de janeiro. No dia 16 de janeiro o jornal apresentava a seguinte matéria:

Quando os sinos dos templos e das igrejas badalarem, às 8 horas dessa sexta-feira (18), São Lourenço do Sul reviverá parte emblemática da história do Rio Grande do Sul.

Naquele instante terá início a comemoração dos 150 anos da colonização alemã no município. Uma viagem até 1858, ano da chegada dos 88 imigrantes à região. A en-

cenação contará com a participação de 88 descendentes de alemães que, vestidos em trajes de época, desfilarão em vinte carroças e carros alegóricos pelas ruas da cidade (*O Lourençiano*, 16 janeiro de 2008, 2).

Para dar maiorrealismo à encenação foi construído um barco com as mesmas características daqueles que trouxeram os imigrantes. Figuras vestidas como antigos camponeses se misturavam com as noivas de preto, os tocadores de gaita em trajes “alemães”, vindas das mais diferentes regiões da cidade e entorno, formavam um grande Teatro da Memória. As lágrimas, fortes emoções e alegrias marcaram esse início de comemorações, tal como registra o diário local.

Às 6h45, ao subirem o barco Bucaneiro, construído especialmente para encenação da chegada de seus antepassados em São Lourenço do Sul, RS, há 150 anos, os 88 figurantes imaginavam como teria sido aquela viagem a uma terra desconhecida. Cada um se projetou no tempo e a imaginação os fez voltar às suas origens. A saudação às bandeiras da Alemanha e do Brasil mostravam um misto de esperança com a nova vida, que poderia ser conquistada, e de lembranças do seu país de origem (*O Lourençiano*, 19 janeiro de 2008, 2).



Figura 2: Réplica do bucaneiro com os imigrantes. Fonte: Arquivo pessoal

Nessa nau o sujeito é convidado a reviver, sob a forma cênica, um passado idealizado. Nessa trajetória reinventada os atores desse teatro da memória são acometidos pela emoção de “reviver o que os antepassados viveram”. São “muitas lágrimas, fortes emoções e alegrias”, tal como relata o diário local.

Depois da encenação do desembarque os figurantes saem a caminhar, com expressões faciais de cansaço e espanto, tendo ao fundo uma melancólica musica divulgada pelos auto-falantes. A idéia é então reproduzir o momento original da chegada e o percurso que teriam feito já em terra sulina. Esse deslocamento alguns fazem a pé, outros em carroças e outros ainda em motocicletas. A primeira estação dessa “via sacra” é a casa do agenciador principal, José Antonio de Oliveira Guimarães, um português. Nesse momento ocorre a primeira revelação de realidade pois as pessoas param diante do que seria a casa de Guimarães: um prédio em ruínas, tomado pelas ervas daninhas, em vias de desaparecimento. As reações dos figurantes-moradores são então marcadas pelo espanto e alguns deixam transparecer a constatação de que não viram a casa se destruir, tal como afirma um figurante ao dizer que “é uma pena... essa casa nós víamos que estava envelhecendo... mas não víamos as ruínas”. Tudo acontece como se naquele momento o véu do patrimônio, que o revela e oculta, fosse dado a conhecer aos observadores (Tornatore, 2004).

A estação seguinte é a casa de Jacob Rheingantz, esse sim apontado como o grande articulador da empresa colonizadora. A casa, que já foi museu nos anos 1940 e que passou por um longo período de abandono, está sendo recuperada para abrigar um museu, o Museu do Colono. Importante observar que sobre o personagem Jacob Rheingantz pairam diferentes versões, diferentes memórias. A versão dominante apresenta Rheingantz como um visionário, um grande empreendedor da empresa colonizatória educado nos altos círculos empresariais europeus e, ao mesmo tempo, um desbravador corajoso capaz de se embrenhar nos sertões de um sul ainda desconhecido. À essa memória oficial, difundida na literatura e no imaginário local, confronta-se uma outra, de caráter subliminar: a de Jacob Rheingantz como um empresário calculista ao qual são atribuídas ações de exploração direta dos colonos, promessas que nunca se realizaram, decepções que justificariam suicídios e dependência alcoólica entre os colonos.

A casa de Jacob Rheingantz se no presente é revestida pela ação museológica, esteve também lançada ao esquecimento décadas atrás, quando então se transformou em local de ocupação de sem-teto.

É importante ressaltar também outras ações com justificativa patrimonial que foram levadas a termo pela administração pública local: a organização de um desfile, durante o Carnaval de 2008, de bloco carnavalesco com alegorias referentes à colonização e à etnia pomerana. Além disso, e mais diretamente no campo dos negócios internacionais, foi consolidada a parceria com a cida-

de gêmea de São Lourenço do Sul na Alemanha. Não por acaso essa cidade é aquela onde teria nascido Jacob Rheingantz.

BUSCA PATRIMONIAL E DIFERENTES SENTIDOS DE PATRIMÔNIO

Com a finalidade de analisar as repercussões dessas políticas públicas na comunidade local foram feitas algumas entrevistas de caráter aberto que eram direcionadas aos agentes patrimoniais em suas diversas instâncias e atribuições, ou seja, desde os gestores até pessoas da comunidade envolvidas nas mais diferentes atividades relacionadas ao patrimônio. Perceber a relação do sujeito com as políticas patrimoniais e os impactos disso na prática cotidiana foram os eixos fundamentais das perguntas e observações. A reflexão sobre a autoria e procedência dessas ações patrimoniais foi recorrente entre as pessoas abordadas. O reconhecimento da dimensão política e econômica dessa “recuperação da tradição” aparecia como um dado observado pelos sujeitos. Uma das pessoas entrevistadas afirmava que não iria participar das comemorações do sesquicentenário pois discordava que o turismo na cidade devesse estar voltado apenas para o aspecto da colonização. Em sua entrevista essa pessoa afirmava que o secretário de turismo deveria procurar alguma outra motivação que não apenas a valorização das etnias. Essa fala reflete claramente como uma parcela da população local percebe essas ações de valorização e constituição do patrimônio pomerano: um investimento no turismo, logo, buscando revitalização da economia local. Esse pensamento se expressa na própria fala do prefeito local quando, em entrevista ao jornal, afirma que “só assim conseguiremos na prática buscar o passado com os olhos no futuro” (*O Lourençiano*, 16 janeiro de 2008:2).

A patrimonialização das expressões culturais nessa comunidade vem sendo abordada como uma tarefa pública levada a termo pela administração local. Transformar a cidade num reduto pomerano é a preocupação central dos gestores públicos e idéias de autenticidade e tradição se apresentam como alicerces fundantes dessa política.

O Caminho Pomerano é um dos exemplos fundamentais dessa busca pelo autêntico, pelas raízes pomeranas, mesmo que desconhecidas das gerações contemporâneas. A consciência de que é um circuito turístico que leva ao visitante a consumir imagens e produtos, parece ficar diluída na idéia de um verdadeiro “resgate das práticas culturais”. A perspectiva essencialista é a

que preside essa busca pelo que é autenticamente pomerano, inscrito numa temporalidade de tradição. Esse dado aparece na entrevista realizada com uma pessoa da comunidade que vem atuando, de maneira sistemática e como fonte de renda, na organização do Caminho Pomerano. Ao ser questionada sobre a representatividade dos traços culturais que são apresentados nesse circuito, responde que:

fazemos muita pesquisa para saber como eram as coisas que não existem mais agora... precisamos recuperar isso que é de nossa tradição e apesar de muita gente aqui da comunidade ainda duvidar do Caminho, pouco a pouco eles vão compreendendo (Solange Klug, 45 anos, agricultora e artesã).

Essa busca pela recuperação das formas tradicionais do “ser pomerano” é um elemento central dessa política de gestão do passado com o fim de torná-lo mais interessante e aceitável. Nesse processo ficam evidenciadas as estratégias de afirmação da cultura e etnia pomerana, expresso fundamentalmente nas estratégias de valorização de certos elementos culturais e memoriais, em detrimento de outros. A memória pomerana, ao se tornar a “verdadeira memória de São Lourenço”, a que tendo sido renegada por tanto tempo e logo necessita ser recuperada no presente, parece não permitir uma compreensão multicultural, as diferentes inserções e atividades que caracterizaram esse lugar. A cidade de São Lourenço do Sul se apresenta como um núcleo de práticas tradicionais pomeranas, vinculando sua imagem e história ao colonizador, às atividades agrícolas e aquelas derivadas da agricultura tais como os moinhos, as fábricas coloniais de doces de frutas, a produção de artesanatos com elementos da natureza, etc. O discurso oficial não menciona uma atividade que foi fundamental para a constituição urbana e econômica da cidade: a navegação de cabotagem feita através de embarcações denominadas Iates e os armazéns e entrepostos que, sendo edificados em zona adjacente ao cais, formavam um conjunto comercial extremamente importante pois permitia o escoamento da produção agrícola dita colonial através das embarcações, assim como o suprimento de gêneros e produtos industriais vindos também nesses iates e comercializados nos armazéns locais. O abandono crescente dessa região da cidade, evidenciado pelo alto grau de deterioração dos prédios comerciais, os antigos armazéns construídos no começo do século XX, são evidências dessa não incorporação dessa memória ao repertório patrimonial.

Por outro lado, nessa relação patrimonial estabelecida entre a política institucional e os sujeitos sociais, mesmo que reconhecida a proeminência de

uma etnia, parece haver um pacto de aceitação pelas demais, o que pode ser entendido como uma negociação interna diante de uma situação que favorece, pelo menos economicamente, o conjunto da cidade.

Ao mesmo tempo, e esse dado pode ser observável na última comemoração da chegada dos imigrantes, realizada no dia 18 de janeiro de 2009, outras reivindicações memoriais vão se colocando no conjunto do espetáculo patrimonial. Exemplo disso é a incorporação da figura das escravas negras ao cenário da memória. Tal como apresentado na imprensa local, referindo-se à encenação da chegada do barco ao porto “às margens do São Lourenço, as negras escravas conhecidas por mucamas, faziam o comércio de doces e quitutes para suas sinhás” (*O Lourençiano*, 21.01.2009:10).

A inserção desse outro elemento étnico e cultural respondeu, certamente, à reivindicações de setores que atuam em prol da memória afro-brasileira. Nesse contexto social parece-nos que mais do que elementos identitários no sentido mais restrito desse conceito, o que se coloca em questão são direitos ao passado e, fundamentalmente, ao presente.

A PATRIMONIALIÇÃO DA VIDA

Essa valorização crescente da cultura pomerana se manifesta sobretudo no campo das práticas, festas, saberes e fazeres, elementos que constituem o patrimônio imaterial local. É importante considerar que muitas dessas práticas culturais já haviam sido abandonadas, tal como a criação doméstica de gansos. Outras já haviam perdido sua força de expressão no cotidiano e a exemplo disso temos o peito de ganso defumado que, atualmente, é anunciado e vendido nesse mercado de “produtos tradicionais” como um elemento da culinária típica pomerana. Outros elementos da culinária também passaram a compor esse repertório patrimonial, tal como as cucas e os doces pastosos de frutas. Ao encompassar esses elementos do cotidiano, o patrimônio se impõe como um novo estatuto, sobrepõe-se ao hábito criando a ‘tradição’. Uma das entrevistadas, cuja atividade atual é a de preparar doces e pães caseiros para abastecer as lojas locais, reproduz esse estranhamento do sujeito frente à patrimonialização dos gestos e produtos da cultura. Dizia a entrevistada que:

eu sei que agora tenho que fazer a cuca sempre assim... não posso esquecer... essa cuca a gente fazia lá em casa, isso vem dos tempos da minha avó... mas eu nem sabia que isso era patrimônio... eles dizem que isso é patrimônio, não é?

Nessa busca da autêntica cultura pomerana se justificam os investimentos públicos aplicados nessa “política do passado” em direção ao futuro. A idéia de tradições forjadas se apresenta, no caso pomerano, sob a forma de políticas da memória, gerenciamento do passado, organização de um inventário de práticas e saberes que definem, então, o que é ser pomerano.

Ao se pensar a memória como essa atualização do passado no presente, percebe-se que além de suas infinitas possibilidades de recriação desse passado, tantas quantas forem as necessidades no presente, sua ritualização vem envolta na emoção. Aqui nos deparamos com mais uma questão de fundamental importância para a compreensão das reivindicações memoriais e patrimoniais, normalmente associadas às buscas identitárias: a afirmação de uma memória coletiva. Dito de outra forma, o que faz com que os sujeitos se percebam partícipes de uma grande memória, encompassadora e totalizante? A noção de memória coletiva, ainda que gerada a partir da idéia de Maurice Halbwachs, é ainda um campo em busca de definição e só podemos compreendê-la quer sob a forma de metáfora ou dentro daquilo que Joel Candau denomina como retóricas holistas (Candau, 2001: 41-45).

Buscando encontrar as formas de compartilhamento de memórias, Candau formula o conceito de metamemória como aquele que mais poderia se aproximar da idéia de coletivo. A metamemória, ou seja, a idéia que os sujeitos fazem de sua própria memória, é portanto originária das formas sociais de transmissão das informações. Tal como afirma o autor, essa transmissão é mediada por diferentes veículos (objetos, saberes, tradição oral, etc.), de formas diversas, conscientes ou inconscientes (Candau, 2008). A esses transmissores de memórias o autor denomina sócio-transmissores e uma das questões que se poderia colocar é justamente como e que força adquirem para se transformarem em memória, ou melhor dizendo, para que os sujeitos a reconheçam como tal.

À idéia de salvaguarda do patrimônio imaterial, logo das formas mais autênticas de repasse da memória, associa-se as responsabilidades e pactos estabelecidos no interior de uma sociedade, de um grupo, uma comunidade. Tal como afirma Hafstein, a noção de herança compartilhada que contribuiria a forjar a comunidade nacional é também necessária para a constituição de comunidades locais (2007: 342).

A noção de patrimônio imaterial parece, portanto, se identificar com a idéia de comunidade. No caso em análise, a categoria patrimônio apresenta várias significações e vários usos no presente, operacionalizados através de políticas públicas e de ações que objetivam tornar positiva a identidade local.

Poderíamos dizer que São Lourenço do Sul vive seu momento de redescoberta do passado e, ao mesmo tempo, passa a ser dependente dele. Tal como demonstra Gaetano Ciarcia em seu estudo sob a fabricação folclórica do bem cultural entre os Dogon e sua ressonância com o mercado de informação etnológica, esses sujeitos são quase obrigados a gerir uma memória mítica que foi transformada em patrimônio desde que o etnólogo francês Marcel Griaule iniciou seus estudos sobre essa cultura e implementou políticas de valorização patrimonial. O que demonstra Ciarcia é que a tradição, nesse caso, se transformou numa poderosa fonte de economia, logo manter-se no tradicional é regra mercadológica, implicando portanto depurações ou omissões de outras práticas (Ciarcia, 2001).

A dimensão política que assume essa recuperação e gerenciamento da tradição pomerana nos aproxima daquilo que Dimitrijevic aborda como “inventar uma memória para construir uma identidade”. Em seu texto sobre a origem bogomila da nação “bosniaque” (muçulmanos da Bósnia), o autor aborda como a busca memorial, o “remanejo” do passado, sempre acompanha a instalação de um novo poder e ideologia. Assim, se pergunta o autor, é fundamental esclarecer como uma vontade política se transforma numa realidade social e como os atores sociais passam a agir de acordo com essa vontade. Em seu trabalho Dimitrijevic busca demonstrar como uma tradição inventada, a Ajvatovica que é uma peregrinação religiosa retomada nos anos 1990 para afirmar a identidade islâmica e sua aproximação, no passado, com a heresia bogomila (Dimitrijevic, 2004).

Esse manejo do passado ou política da memória, tal como afirma Dimitrijevic, implica necessariamente no desenvolvimento de ações que envolvam os atores sociais e passe, através de mecanismos complexos de aceitação e introdução, a ser verdadeiramente uma tradição, uma expressão da memória coletiva. Tal como afirma Candau (2007), a patrimonialização cumpre um papel essencial para autenticar o discurso do passado compartilhado. Na verdade, segundo o autor, é a crença no passado comum, nas origens, na memória, que favorece a emergência de um real compartilhar desse passado. Aqui vemos claramente a idéia de metamemória e sua relação com isso que Dimitrijevic questiona como a relação que os sujeitos passam a ter com aquilo que lhes é apresentado como tradição compartilhada.

Essa profusão de ações patrimoniais que estão sendo implementadas na cidade de São Lourenço do Sul podem ser compreendidas num quadro mais amplo, nacional e internacional, de buscas patrimoniais e reivindicações me-

moriais. Expressões como saturação (Robin, 2003), sedução memorial (Huys-sen, 2000), excesso, etc., fazem parte de um léxico utilizado para descrever o sentimento contemporâneo de reivindicação memorial.

A retórica patrimonial assume hoje no Brasil o lugar do discurso oficial e as ações patrimoniais são compreendidas e apresentadas como tarefas de Estado. Se por um lado essa proeminência do discurso patrimonial e suas práticas salvaguardam muitos bens culturais de sua destruição ou desaparição completa, por outro lado é fundamental que se questione a forma como muitas dessas ações vem ocorrendo, mobilizando imaginários, construindo verdades absolutas.

O fenômeno da reconstrução da cultura pomerana em São Lourenço do Sul se apresenta sob diversas possibilidades de apreensão e assume distintos significados de acordo com a posição do sujeito dentro de seu campo social. As ações patrimoniais desenvolvidas no interior das comunidades urbana e rural são interpretadas de diferentes formas que vão desde o estranhamento até uma certa euforia identitária. Como representativa dessa última temos a fala de uma informante cuja ocupação atual é preparar as cucas (uma espécie de pão doce com ou sem frutas e doces em seu interior e recoberto por uma farofa composta basicamente por açúcar e farinha) que são postas à venda aos turistas do Caminho Pomerano. Quando argüida sobre a importância do Caminho para a comunidade, responde que:

Eu sou lá do interior de Pinheiros (região rural de São Lourenço do Sul) e quando eu vim para cá (para o núcleo urbano) eu fui assim bem humilhada por minha língua pomerana (...) e depois que surgiu essa rota, hoje eu estou me sentindo gente, de origem pomerana, me sinto valorizada (Marcilda Bartz, 49 anos, contadora, doceira e artesã).

Essa fala nos remete certamente a outros sentidos do patrimônio, à sua dimensão prática no gerenciamento das identidades e a sua reapropriação pelos sujeitos, sendo portanto, ao nível dessa reapropriação que se situa a atividade patrimonial e memorial, numa dimensão ética e política, tal como afirma Jean-Louis Tornatore. De acordo com o autor a retomada do passado é um retorno sobre si, num duplo movimento de identidade e alteridade e a responsabilidade de salvaguarda desses traços do passado para que sejam transmitidos à gerações futuras (Tornatore, 2008).

ASPECTOS CONCLUSIVOS

As políticas e discursos patrimoniais na contemporaneidade são, tal como aborda Hafstein (2007), a base de um “regime da verdade”, ou seja, são capazes de criar passados, memórias e converter práticas culturais em fontes a serem administradas pela comunidade, se afirmando como ideologias da memória e nexos entre os sujeitos entre si.

No atual cenário brasileiro a valorização do passado é pauta da agenda dos administradores, gestores públicos, artífices das políticas governamentais. No caso específico de São Lourenço do Sul essas políticas públicas aparecem ancoradas em organizações sociais existentes na cidade. Essas organizações funcionam ao mesmo tempo como forma de capilaridade das políticas públicas e elementos de transmissão de um passado a ser compartilhado, espécie de sócio-transmissores na expressão de Candau (2001).

Na incessante busca pelo passado novas estratégias vão sendo engendradas, novas demandas vão sendo criadas. É o que se percebe, por exemplo, no movimento de musealização que foi lançado com o Museu do Colono, na antiga moradia de Jacob Rheingantz, e, ainda que inconcluso, já gerou outros projetos museais.

Por fim, cabe voltar ao barco carregando os 88 figurantes, membros da comunidade, que revivendo imaginariamente o momento do desembarque dos ancestrais pomeranos na costa de São Lourenço do Sul, acreditam estar nessa cadeia de continuidade entre passado e futuro.

BIBLIOGRAFÍA

- APPADURAI, Arjun. 2005. *Les conséquences culturelles de la globalisation*. Paris: Payot & Rivages.
- CAMINHO POMERANO. <http://www.portalcostadoce.com.br/site/caminhoPomeranoFiqueDentro.asp> (13 Abril de 2008)
- CANDAU, Joel. 2001. *Antropología de la memoria*. Buenos Aires: Nueva Vision.
- CANDAU, Joel. 2007. *Bases anthropologiques et expressions mondaines de la quête patrimoniale: mémoire, tradition et identité*. Conferência apresentada no I Seminário Internacional em Memória e Patrimônio. Pelotas: UFPEL.
- CANDAU, Joel. 2008. *Mémoire collective et mémoire individuelle fonctionnent-elles selon le même modèle?*. <http://www.lemensuel.net/2008/04/01/> (1 de abril de 2008).

- CERQUEIRA, Fabio. 2006. "Proteção do Patrimônio Cultural e Arqueológico". En: G. Axt e F. Schüler (orgs.) *Avanços e percalços no Brasil Contemporâneo. Crônicas de um país incógnito*. Porto Alegre: Artes e Ofícios. pp 345-375.
- CIARCIA, Gaetano. 2001. "Exotiquement vôtres. Les inventaires de la tradition en pays dogon". *Terrain*, 37: 105-122.
- COARACY, Vivaldo. 1957. *A Colônia de São Lourenço do Sul e seu Fundador Jacob Rheingantz*. São Paulo: Saraiva.
- DIMITRIJEVIC, Dejan. 2004. "Inventer une mémoire pour construire une tradition". En: D. Dimitrijevic (Dir.) *Fabrications de tradition, invention de modernité*. Paris: Éditions de La Maison des sciences de l'homme. pp 34-56.
- FREIRE, Beatriz M. 2005. "O Inventário e o Registro do Patrimônio Imaterial: novos instrumentos de preservação". *Cadernos do LEPAARQ. Textos de Arqueologia, Antropologia e Patrimônio*, vol. II, n. 3: 11-19.
- HAFSTEIN, Valdimar. 2007. "Claiming culture: intangible heritage Inc., Folcklore, traditional knowledge". En: D. Hemme; M. Tauschel y R. Bendix (Hg.) *Pradikat heritage*. Reihe: Studien zur Kulturanthropologie/Europäischen Ethnologie. pp 81-119.
- HAFSTEIN, Valdimar. 2007. "Sauvegarde du patrimoine immatériel et gouvernance communautaire". *Actes du colloque international*. Paris: Unesco.
- HUYSEN, Andreas. 2000. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano.
- MEIRA, Ana G. 2005. "Políticas Públicas e Gestão do Patrimônio Histórico". *História em Revista. Pelotas*, vol.10: 30-39.
- ROBIN, Regine. 2003. *La mémoire saturée*. Paris: Editions Stock
- SALAMONI, Giancarla. 2001. "A imigração alemã no rio Grande do Sul- O caso da comunidade pomerana". *História em Revista. Pelotas* (7): 25-42.
- TORNATORE, Jean-Louis. 2004. "Beau comme un haut fourneau. Sur le traitement en monument des restes industriel". *L'Homme* (170): 79-116.
- TORNATORE, Jean-Louis. 2008. *Patrimoine, mémoire, tradition, etc. À propos de quelques situations françaises de la relation au passé*. Conferência apresentada no II Seminário Internacional em Memória e Patrimônio. Pelotas: UFPEL.